Babenco **eterno**

Mar Del Plata, terra do diretor que abraçou cidadania brasileira, faz uma retrospectiva do cineasta e resgata seu autobiográfico 'Meu Amigo Hindu'

41° FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINE DE MAR DEL PLATA
5 15 NOV 2026

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Assombrado pelas forças conservadoras de Javier Milei, a léguas de distância da importância de seus anos de democracia plena, o Festival de Mar Del Plata inicia nesta quinta-feira sua 41ª edição, levando pérolas estrangeiras à Argentina, mas dedicada a celebrar o legado da prata mais reluzente da casa, que partiu há dez anos sem pedir licença à saudade da gente: Hector Babenco (1946-2016).

Afagado postumamente na delicadeza documental de "Babenco: Alguém Tem que Ouvir o Coração e Dizer Parou", de sua companheira Bárbara Paz, laureado no Festival de Veneza de 2019, Hector ganhará uma retrospectiva no evento, com "Pixote, A Lei Do Mais Fraco" (1980), "Brincando nos Campos do Senhor" (1991), "Coração Iluminado" (1998). Há um quarto título, que merece realce, por ser o canto de cisne de HB: "Meu Amigo Hindu", cuja estreia comercial está completando uma década.

Até hoje, nunca se falou com o devido carinho das várias camadas do longa-metragem, que rendeu o prêmio de melhor ator a Willem Dafoe no Festival de Montreal, no Canadá, faz uma década. Há algo de metafísico nessa autobiográfica produção.

Perpétuos, Morte e Delírio compartilham a mesma inicial – a letra "D" - quando escritos em inglês, o idioma de "Meu Amigo Hindu", obrigatório longa de despedida de Hector. Esses verbetes viram Death e Delirium quando ditos por bocas como a do americano Dafoe, astro a quem o cineasta confiou o protagonismo deste drama personalísismo. Fronteiras linguísticas à parte, essas duas palavras míticas - onipresente nos filmes de Babenco - se conjugam no esperanto da dor dicionarizado pelo diretor ao longo de 124 minutos esculpidos com suas entranhas e suas recordações mais íntimas. É uma radiografia da alma do homem que, em 1986, concorreu ao Oscar de Melhor Direção por "O Beijo da Mulher-Aranha".

Filmes sobre calvários de saúde já fizeram a roda do cinema andar algumas vezes. Foi o que se viu quando, em 2005, o romeno Cristi Piu lançou "A Morte do Sr. Lazarescu", seguindo um idoso em deterioração. Há uma patologia igualmente incômoda no francês "Abus de Faiblesse", de Catherine Breillat, no qual a diretora espelha no corpo da ruiva Isabelle Huppert o derrame que sofreu. O que se deteriora em "Meu Amigo Hindu" é o organismo de Diego Fairman, um bem-sucedido cineasta vivido por Dafoe (numa atuação visceral), em função de um linfoma.

A doença foi a mesma que botou Babenco em estado de risco nos anos 1990: logo no início do longa, uma cartela de texto indica que as experiências ali narradas foram testadas na pele do próprio Babenco. Fala-se, por isso, que Diego é seu alter ego.

Para entender(mos) melhor Diego, vale retomar como bússola nossos Perpétuos em questão, Morte e Delírio, inteligíveis em qualquer língua. Em todos os filmes feitos pelo cineasta em seus 40 anos de caso com a ficção, eles estão presentes, desde seu primeiro longa, "O Rei da Noite" (1975), no qual o protagonista sonhava uma vida alternativa para se entorpecer de seu crime. Basta lembrar que Molina (William Hurt), de "O Beijo...", inventava um mundo paralelo com os cacos dos clássicos do cinema a que assistiu para não se sufocar com a cadeia. E é na boca de "O Beijo..." que Babenco vai buscar a saliva para umedecer o relato da luta de Diego para viver.

De solidez invejável como drama, "Meu Amigo Hindu" caminha a partir de sequências entre o tormento e a bonança: algumas que doem, outras que aliviam. A festa de casamento de Diego e Lívia (Maria Fernanda Cândido) e o ajuste de contas entre ela e o cunhado Antonio (Guilherme Weber) tateiam a laje do desastre iminente, deixando na plateia a sensação de uma erupção de rancor a qualquer instante: o que eleva a temperatura e o senso de risco. Já as cenas todas nas quais Diego lida com o menino indiano que dá nome ao filme (vivido por Rio Adlakha) caminham pela planície do lirismo, para dar de comer à porção delirante que alimenta a fauna do cineasta. Há lirismo ainda nas passagens com Bárbara Paz em cena, num indício de recomeço para Diego. Há ainda as tomadas de excelência com "E" maiúsculo nas quais o genial ator mineiro Selton Mello põe o longa no bolso contracenando com Dafoe (de igual para igual) na pele de um sujeito misterioso, chegado de um Além ateu, com quem Diego joga xadrez em alusão a "O Sétimo Selo" (1957), de Bergman. É uma autopsia de alma.

Divulgação



Nascido na Argentina, Hector Babenco é um patrimônio do cinema brasileiro e ganha o reconhecimento em sua terra natal

Divulgação

Hector Babenco (1946-2016) de barba no set de filmagens de 'Pixote', um cult do cinema brasileiros nos anos 1980

Divulgação



Em 'Meu Amigo Hindu', Dafoe é tomado por doença fatal que se casa com a personagem de Maria Fernanda Cândido

Brasil está em **duas frentes** do festival

O Festival de Mar del Plata segue até o dia 15 de novembro. Constam da competição oficial de filmes estrangeiros os longas "2 Valid IDs", de Ma-an L. Asuncion-Dagñalan (Filipinas); "A Professora de Francês", de Ricardo Alves Jr. (Brasil, França e Portugal); "Bélyeg", de Róbert Pajer (Hungria); "Children Untold", de Miwa Nishikawa (Japão); "Elsinore", de Simon Stone (Reino Unido); "Halima", de Yassine El Idrissi (Marrocos); "Ink", de Danny Boyle (Reino Unido); "Kindik", de Darkhan Tulegenov (Cazaquistão); "Los relatos", de Miguel del Arco (Espanha); "The Night Arezou Disappeared", de Arian Vazirdaftari (Irã e Alemanha); "Truly Naked", de Muriel d'Ansembourg (Países Baixos, Bélgica e França); "Un precio que tenemos que pagar", de Ricardo Preve (Argentina e Vietnã); "Vigilante", de Olivier Pairoux (Bélgica e Canadá); e "Vindima", de Luís Galvão Teles (Portugal e Brasil).

Na competição latina de longas, "Feito Pipa", de Allan Deberton (representante oficial do Brasil na disputa pelo Oscar), está em disputa com produções de diferentes países do continente: "Amor es el monstruo", de Neto Villalobos Brenes (Costa Rica, Peru e Panamá); "Cosme, un asunto de familia", de Álvaro Curiel de Icaza (México); "Ciudad de muertos", de J. M. Cravioto (México); "Delivery Girl", de Jorge Shinno (Peru e Espanha); "El bovino de los cuernos curvos", de Omar E. Ospina Giraldo (Colômbia); "El jardín que soñamos", de Joaquín del Paso (México); "El pez que fuma", de Luis Fernández (Venezuela e Espanha); "En el fondo está mamá", de Ana Laura Calderón (México e Colômbia); "Irreparable", de Klych López (Colômbia); "Narciso", de Marcelo Martinessi (Paraguai, Brasil, Portugal, Alemanha, Espanha, França e Uruguai); "Rumor", de Joana Nin (Brasil); "Sandra, The Primate Citizen", de Sinae Ha (Coreia do Sul e Argentina); e "Winnipeg, el barco de la esperanza", de Elio Quiroga e Beñat Beitia (Espanha, Chile e Argentina).

JamilleQueiroz/Divulgação



O cearense Feito Pipa' está competição de longas latinos